



AS DUALIDADES DA SOMBRA DE AUGUSTO DOS ANJOS: UMA ANÁLISE DO EU-LÍRICO NO POEMA *MONÓLOGO DE UMA SOMBRA*

Data de recebimento: 22/05/2017

Aceite: 20/06/2017

Kleber KUROWSKY (UFSM)¹

Resumo: Este artigo tem como objetivo estudar as manifestações do eu-lírico no poema *Monólogo de uma Sombra*, do autor brasileiro Augusto dos Anjos, e refletir sobre sua aparente duplicação com a manifestação de um novo eu-lírico ao final do poema. Primeiro será feita uma análise do eu-lírico que se manifesta logo ao início do poema, que chamaremos aqui de Sombra, observando a métrica dos versos e as opiniões deste eu-lírico a respeito do mundo e da vida humana. Em seguida, será estudado o eu-lírico que surge ao final do poema, apresentando suas respectivas opiniões e contraposições em relação à Sombra. Tendo em vista as posições filosóficas e existenciais de cada eu-lírico presente na obra, serão apontados os momentos de convergência e divergência entre eles e como isso afeta a leitura do poema. Como principais eixos de pesquisa, será estudado, principalmente, os aspectos niilistas e cientificistas da obra, ou seja, com ênfase no vocabulário científico e filosófico que perpassa não apenas este poema, mas toda a obra de Augusto dos Anjos.

Palavras-chave: Augusto dos Anjos. Literatura Brasileira. Niilismo. Cientificismo. Eu-lírico.

Abstract: This article's objective is to study the manifestations of the speaker in the poem *Monólogo de uma Sombra*, from brazilian author Augusto dos Anjos, and to think about it's apparent duplication with the manifestation of a new speaker at the end of the poem. First will be analysed the speaker that appears right at the beginning of the poem, which we will call Shadow here, observing the metrics of the verses and the opinions of the speaker about the world and the human life. Then, the speaker that appears at the end of the poem will be studied, presenting it's opinions and contrapositions in relation to the Shadow. Having in mind the philosophical and existential positions in each speaker present in the poem, the moments of convergency and divergency will be appointed and how it affects the way the poem is read. As the main axles of the research, will be studied, mainly, the nihilism and scientism aspects in the poem, with emphasis in the scientific and philosophic vocabulary that pass through not only this poem but in all of Augusto dos Anjo's works as well.

Keywords: Augusto dos Anjos. Brazilian literature. Nihilism. Scientism. Speaker.

1. Introdução e revisão teórica

¹ Mestrando em Estudos Literários pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), na cidade de Santa Maria – RS, Brasil. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento do Ensino Superior (CAPES). E-mail: kleber_lz@hotmail.com



A obra de Augusto dos Anjos, embora tenha sido consagrada - tanto pelo meio artístico quanto acadêmica - apenas de forma póstuma, representa um marco na poesia brasileira do século XX. Aproximado, por diversos estudiosos de sua obra, a autores como Charles Baudelaire e Edgar Allan Poe, o poeta se destaca por trabalhar temas grotescos, muitas vezes realçando as partes mais sombrias e ocultas da natureza humana, como fica evidente pelos seguintes versos do poema *O Lázaro da Pátria*:

Filho podre de antigos Goitacases,
Em qualquer parte onde a cabeça ponha,
Deixa circunferências de peçonha,
Marcas oriundas de úlceras e antrazes.
(ANJOS, 1995, texto digital).

Há, portanto, uma espécie de niilismo latente em toda a obra do poeta, e que muitos pesquisadores já atribuíram a uma influência direta do filósofo Arthur Schopenhauer, que teria marcado muito a forma do poeta pensar e retratar a humanidade. Esse niilismo se encontra traduzido nos versos de Augusto dos Anjos através do uso de um eu-lírico que mescla um vocabulário científico e filosófico em conjunto com uma métrica bastante estrita e um lirismo considerável. Leonardo Vicente Vivaldo (2013) aponta que essa mescla, especialmente no que concerne ao niilismo, é um fator recorrente na literatura moderna, esse uso de diversas áreas do conhecimento – neste caso, poesia, filosofia e ciência - com o propósito de desconstrução das percepções humanas. Neste sentido, poderíamos citar o poeta T. S. Eliot como exemplo, que fez justamente isso em obras como *The Hollow Men* e *The Waste Land*.

Dos muitos poemas em que isso poderia ser estudado, é em *Monólogo de uma Sombra*, uma de suas obras mais conhecidas, que encontramos um caso excepcional dessa combinação de elementos, bem como aspectos que fogem à regra; um desses aspectos, sobre o qual nos deteremos para a argumentação aqui proposta, é a manifestação de mais de um eu-lírico no decorrer da obra, realizando uma justaposição de vozes com suas próprias visões de mundo.

Propomo-nos, portanto, a analisar a forma com a qual cada eu-lírico se manifesta no poema e qual é o resultado desse diálogo. Estudaremos, principalmente, qual é a relação de cada eu-lírico com o niilismo e com o cientificismo. Para pensar nessas relações, nos sustentaremos sobre a argumentação proposta por Leonardo Vicente Vivaldo (2013), que



realizou um itinerário do aspecto niilista na obra de Augusto dos Anjos, relacionando-o com o jogo filosófico nos versos do poeta. Segundo o autor,

o niilismo em Augusto dos Anjos seria representado pela manifestação do sentimento de decadência principiado pelo desmoronamento de antigos valores, aliada a tentativa de outros em assumir o seu espaço (ciência?) – surgindo desse cenário as indagações e a negação profunda. [...] o cientificismo sobre a religiosidade cristã, por exemplo, justificaria a obsessão (do saber) em descrever os mecanismos, ou ornamentos, da vida – e da realidade (*niilismo passivo*, supomos). (VIVALDO, 2013, p. 141).

O niilismo, portanto, seria justamente uma forma de realizar um estudo a respeito da incerteza dos valores que dominam o homem, um método para explorar os pormenores das atitudes humanas. O niilismo em Augusto dos Anjos, portanto, mais do que o sintoma de uma insatisfação com a vida e com a humanidade, seria uma nova forma de estudar as atitudes humanas.

Também utilizaremos Morais *et al* (2012) como uma maneira de complementar a relação do eu-lírico de Augusto dos Anjos com o niilismo, bem como tratar do diálogo que esse niilismo estabelece com as questões do cientificismo. Os autores argumentam que o cientificismo é uma maneira do poeta se fazer valer da poesia de Schopenhauer, que se manifesta, principalmente, no “caráter positivo da dor, a fé mística no sublime artístico como quietivo e o privilégio romântico do sentimento sobre a razão” (MORAIS *et al*, 2012, p. 49); o cientificismo acaba por desaguar no niilismo. Segundo Erickson (2014), a partir desse desinteresse do autor por retratar o belo, bem como o uso do niilismo, podemos adequar Augusto dos Anjos como uma espécie de precursor do modernismo brasileiro.

Para contextualizar o eu-lírico dentro da atmosfera moderna, os tratados de Giorgio Agamben (2014) a respeito da desconstrução da experiência na contemporaneidade serão abordados. Segundo o filósofo, desde o início do século XX há uma dificuldade cada vez maior do homem absorver experiência; seus dias são povoados por uma cacofonia de eventos, das mais diversas naturezas, mas nenhum desses eventos chega a se tornar experiência, e o indivíduo acaba por se deparar, dia a dia, com um tipo de vazio existencial. Ainda nesse ponto, o poeta e ensaísta Octavio Paz (2014) será utilizado para abordar a questão do tempo na modernidade, bem como a relação do ser humano com o meio em que passa a habitar no século XX. Segundo o autor, há uma disjunção na forma do homem ver o tempo no período entre guerras, este que vem acompanhado de uma nova forma de ver o mundo e a vida, em



que “O tempo tem um fim e esse fim será imprevisível; vivemos num mundo instável: a mudança não é mais sinônimo de progresso, mas de repentina extinção” (PAZ, 2014, p. 321 – 322). O autor se refere, nessa frase, não apenas a queda da bomba atômica, mas também a uma série de mudanças que começaram a ocorrer no final do século XIX e que levariam ao predomínio da técnica na sociedade humana, a desvalorização de tudo que não encontrasse uma utilização prática ou monetária. E é em meio a essa atmosfera que o eu-lírico de Augusto dos Anjos emerge e que será estudado aqui.

2. Análise do primeiro eu-lírico

O eu-lírico que entoa a maior parte da poesia de Augusto dos Anjos é marcado por singularidades que se destacam em meio à poesia escrita na época: além de lirismo rebuscado e métrica estrita, ainda há a manifestação de um vocabulário em que cientificismo e filosofia andam de mãos dadas em direção ao fatídico abismo niilista. É no poema *Monólogo de uma sombra* que isso aparece, possivelmente, de forma mais evidente. Dotado de certo tom épico e dividido em 31 estrofes compostas por 6 versos decassílabos heroicos, é todo narrado por um eu-lírico que se auto intitula de “Sombra”. O poema faz um apanhado geral de como esse eu-lírico encara a existência humana em suas mais diversas esferas, resumindo – quase - todas elas a algo puramente fisiológico; entretanto, os versos não apenas apontam para a nudez existencial do ser humano, mas a desconstruem. É como se a Sombra estivesse realizando uma autópsia filosófica do cadáver que ela acredita ser a crença humana em algo superior, transmitindo assim sua fatídica mensagem: do nada viemos e ao nada retornaremos; não existe uma realidade para além do caos e da prisão da carne. Entretanto, antes de analisar o eu-lírico, é preciso compreender quais são os principais pilares da poesia anjosiana e como operam nesse poema em específico. São eles: cientificismo e niilismo.

O cientificismo é, possivelmente, um dos aspectos mais marcantes da poesia de Augusto dos Anjos, servindo aos mais diversos propósitos, e é geralmente acompanhado por um niilismo pungente. Entretanto, os termos científicos utilizados pelo poeta são muitas vezes empregados com certo distanciamento de seu significado semântico original, estabelecendo descrições que geram o sentimento de proximidade e desorientação no leitor. O cientificismo não parece funcionar, portanto, como uma forma de proporcionar ordem ou materialidade,



mas sim como uma tentativa de fazer dilatar a sensação de caos que perpassa toda sua poesia. É o que se encontra, por exemplo, na seguinte estrofe:

Será calor, causa ubíqua de gozo,
Raio X, magnetismo misterioso,
Quimiotaxia, ondulação aérea,
Fonte de repulsões e de prazeres,
Sonoridade potencial dos seres,
Estrangulada dentro da matéria!
(ANJOS, 1995, texto digital).

Nestes versos, o eu-lírico estabelece um inventário de diversos termos científicos para não apenas descrever uma realidade caótica, mas para ajudar a desconstruí-la. Não existe menção a nada metafísico, não há espaço para a alma ou o espírito dentro da matéria humana. Isso é positivado pelos versos iniciais da estrofe seguinte, em que o eu-lírico realiza uma síntese do que acreditar ser um humano: “E o que ele foi: clavículas, abdômen,/O coração, a boca, em síntese, o Homem,” (ANJOS, 1995, texto digital). Novamente, não há espaço para o etéreo, apenas para o físico e o material. Podemos concluir, portanto, que o cientificismo é uma forma de esvaziar o ser humano de qualquer propensão espiritual. Entretanto, o desprezo pelo espiritual nada tem a ver com um fator de exaltação da carne como única salvação, pois como explica Vivaldo (2013, p. 68):

O desprezo pela matéria, pela carne, não se alia, em Augusto dos Anjos, a uma preferência ao espírito, ao metafísico, pois esses são, como já sublinhamos, simplesmente desacreditados. Também se desacredita da carne, pois ela é um signo projetado para o fracasso, para a morte, para a podridão, mas, ainda sim, é o que nos resta – e sendo algo que irá perecer, logo, o que nos resta é nada (e Nada).

O cientificismo funciona, portanto, não apenas como ferramenta de desconstrução das crenças humanas, mas ele próprio é desconstruído, resultando então em uma visão niilista do mundo; niilismo este que é quase a espinha dorsal da poesia anjosiana. Tanto a carne quanto o espírito são estudados a partir de um prisma repleto de cinismo e descontentamento. Segundo Morais *et al* (2012), esse niilismo encontra suas raízes, fundamentalmente, na filosofia de Schopenhauer, de quem Augusto dos Anjos foi assíduo leitor. E também, como explica Vivaldo (2013, p. 138 – 139):



Nota-se que a poesia de Augusto dos Anjos é feita da busca de um saber, ainda que fragmentado e conflitante, da técnica e do conhecimento sobre o (ou do) homem – ou, ao menos, uma tentativa de. Existe uma preocupação, incessante, em descrever os mecanismos da “máquina humana”, tentando apreender, assim, seu funcionamento, sua estrutura e, conseqüentemente, a realidade que a cerca.

É necessário ter isso em mente ao analisar o *Monólogo de uma sombra*, que encontra no conhecimento – em sua falta tanto quanto em seu excesso – um de seus pilares. Tendo esses dois aspectos em mente – que funcionam como ponto de partida para o eu-lírico do poema *Monólogo de uma sombra* – vamos analisar as posições do eu-lírico e como elas funcionam dentro do espectro do poema. Para o restante da argumentação – e para que não haja confusão ao estudar um dos aspectos finais do poema – chamaremos o eu-lírico pelo título que ele mesmo atribui a si mesmo: Sombra.

“Sou uma Sombra! Venho de outras eras,
Do cosmopolitismo das moneras...
Pólipo de recônditas reentrâncias,
Larva de caos telúrico, procedo
Da escuridão do cósmico segredo,
Da substância de todas as substâncias!
(ANJOS, 1995, texto digital).

Nessa primeira estrofe já são apresentados todos os principais elementos que marcam este eu-lírico, bem como pistas essenciais para plenamente compreender a construção dos versos que o seguem. Importante ressaltar, também, que a Sombra, embora distante da humanidade, não se coloca acima dos homens, posicionando-se até mesmo, em certos casos, abaixo deles. Segundo Chevalier e Gheerbrant (2007), essa figura de características monstruosas remonta a um período que antecede a própria criação, e isso fica mais claro ao observar o distanciamento existencial, temporal e espacial que ele estabelece perante os outros seres humanos, denominando-se uma Sombra, afirmando ter vindo de outras eras e oriundo de um espaço que chama de "escuridão do cósmico segredo"; permitindo assim uma visão externa e única da humanidade.

A Sombra exerce, na maior parte do poema, o papel de observador, contemplando e atribuindo julgamentos à realidade humana, este que é sempre niilista, resumindo o homem à carne na qual está condenado, como se observa nos seguintes versos: “Como um pouco de saliva cotidiana/Mostro meu nojo à Natureza Humana.” (ANJOS, 1995, texto digital). Para a Sombra, o sofrimento e a dor são inerentes a qualquer existência, trazendo-a até mesmo a



um nível molecular quando afirma: “Essa necessidade de *horroroso*,/Que é talvez propriedade do carbono!” (ANJOS, 1995, texto digital). O próprio carbono, elemento mais básico para a existência de qualquer tipo de vida, já está contaminado com esse horror da qual toda vida está dotada; não há como fugir da dor se nossa própria matéria já está impregnada com sofrimento. E como explica Amorim (2006), a Sombra parece relacionar a ideia de sofrimento com o conceito de eternidade, de um tempo que flui sem se importar com as dores e sofrimentos dos homens, mantendo sempre uma posição indiferente, assim como é responsável por renovar essa agonia inerente a vida. Nesse sentido, a Sombra parece confirmar o que é proposto por Octavio Paz (2014), que afirma que a eternidade não é compatível com a realidade humana; segundo o autor, a eternidade resulta na desvalorização da vida humana, pois é apenas na finitude, apenas aceitando a entropia, que o homem pode viver sua vida ao máximo. Ele ainda argumenta que esta seria a falha da religião, pois ao pregar a eternidade após a morte, acaba por tirar o sentido da vida terrena. A poesia seria uma resposta para isso, pois ela junta a morte e a vida num único instante, que ele chama de “tempo metafísico”.

Todavia, observar não é o único papel dessa Sombra, ao ponto de ela assumir, em certos momentos, ser a responsável por muitos dos sofrimentos dos homens. “E é de mim que decorrem, simultâneas,/A saúde das forças subterrâneas/E a morbidez dos seres ilusórios!” (ANJOS, 1995, texto digital). A Sombra parece, portanto, operar como vetor de muita da melancolia que narra em seus versos. Como afirma Edilane Rodrigues Bento (2008, p. 92): “Ele é que espalha terror em toda parte que aparece”. Mas não existe orgulho nisso, ao contrário, se mostra taciturna por justamente carregar esse fardo. Isso fica mais claro quando, em alguns momentos, essa Sombra que diz ter tanta aversão à existência humana se mostra solidária a muitas das dores e sofrimentos das quais os homens são vítimas, exibindo sintomas de uma espécie de dualidade.

Na existência social, possuo uma arma
— O metafisicismo de Abidarma —
E trago, sem bramânicas tesouras,
Como um dorso de azêmola passiva,
A solidariedade subjetiva
De todas as espécies sofredoras.
(ANJOS, 1995, texto digital).



E também: “E eu sinto a dor de todas essas vidas/Em minha vida anônima de larva!” (ANJOS, 1995, texto digital). Sendo assim, a Sombra, apesar de ser um *outsider* e ter pouca consideração pela vida humana, deixa entrever simpatia pelos homens no que se refere à esfera social da realidade humana, ao ponto de referenciar textos do *cânon* budista. Há empatia em todo o desprezo que demonstra pelos fatores da existência humana. Essa empatia parece ser resultante de uma certa identificação da Sombra com os homens.

O poeta, aqui, não consegue dominar os monstros através do canto como o teria feito o poeta mítico: aqui o poeta é parte dos monstros, das anomalias que se reconhece naquilo que escapa do perfeito: os monstros, os seus semelhantes – e é com eles que divide o caminhar. Novamente, então, uma afirmação de um ser dualista? Um ser dividido? (VIVALDO, 2013, p. 71).

E é talvez em relação com a Sombra que isso seja mais verdadeiro. Ela se vê refletida nos homens, ela vê sintomas de sua própria monstruosidade. Identifica-se com os homens em sua baixaza, embora saiba que não faça parte deles, e parte de sua dor parece encontrar sua gênese nesse ponto: sente repulsa da existência, mas é, invariavelmente, parte dela. É como explicam Morais *et al* (2012, p. 42):

Para Augusto, o ambiente, o meio e a estrutural social da humanidade lhe causavam “repugnância”, “nojo”, porque ele percebia que o “homem vivia entre feras” e que também “sentia a necessidade de ser fera” (“Versos Íntimos”), reflexo de um capitalismo atroz, cruel e selvagem.

Ora, não seria absurdo, portanto, afirmar que a Sombra nada mais é do que é a personificação das filosofias de vida do próprio autor, ao menos no que se refere à arte e à literatura; este que se concentrou tanto em si mesmo para construir sua poesia, ao ponto de intitular *Eu* sua única obra publicada em vida. Talvez o único ponto em a Sombra demonstre real otimismo quanto a existência humana seja a respeito da arte, justamente pelo fato de que a arte utiliza a mágoa como matéria para construir algo que vá além da existência terrena, transcendendo a realidade humana corriqueira.

Somente a Arte, esculpindo a humana mágoa,
Abranda as rochas rígidas, torna água
Todo o fogo telúrico profundo
E reduz, sem que, entanto, a desintegre,
À condição de uma planície alegre
A aspereza orográfica do mundo!



(ANJOS, 1995, texto digital).

Essa estrofe aparece como único feixe de luz em meio ao niilismo que domina os outros versos, destoando do restante do poema. Para a Sombra, a arte parece servir ao propósito de anestésico, tanto para a carne quanto para o espírito, embora admita que esta se abasteça das mágoas dos homens. Novamente, podemos retomar a argumentação de Paz (2014): a arte, a poesia, seriam maneiras da humanidade retomar o controle sobre a vida que se torna cada vez mais difícil de ser obtido na modernidade, em que a predominância da técnica passa a tentar ocupar todo espaço da vida humana, em que tudo passa a ser escravo de um valor monetário. A arte – e aqui podemos fazer uma ponte com Agamben (2007) – seria responsável por profanar o tempo da técnica, ou seja, devolver o tempo ao uso da humanidade, permitindo-a se desvencilhar do instante em que está preso.

A Sombra propõe, portanto, uma espécie de redenção a toda miséria humana; por mais que seus versos retratem a humanidade como o tipo mais baixo de criatura, ela pode encontrar salvação, pode fazer algo de belo, através da arte.

3. Análise do segundo eu-lírico

A Sombra termina de monologar ao final do poema, mas não é aí que ele encerra; as três estrofes finais, que se apresentam no momento em que a Sombra se distancia, são assumidos por um novo eu-lírico, este que não comunga – ao menos não plenamente – das ideias propostas anteriormente. Isso fica evidenciado pelo uso da expressão “Disse isto a Sombra. [...] (ANJOS, 1995, texto digital) e pelo uso de aspas para fechar o verso anterior a este, realçando o aspecto de fala que vai desde o começo do poema – que inicia com o uso de aspas – até este: “Em minha vida anônima de larva!” (ANJOS, 1995, texto digital). O novo eu-lírico logo se distancia da Sombra, ao proclamar:

Era a elegia panteísta do Universo,
Na podridão do sangue humano imenso,
Prostituído talvez, em suas bases...
Era a canção da Natureza exausta,
Chorando e rindo na ironia infausta
Da incoerência infernal daquelas frases.
(ANJOS, 1995, texto digital).



É certo que o niilismo ainda existe, agora direcionado muito mais a uma ordem universal e natural do que aos próprios homens, mas é no último verso dessa estrofe que é necessário concentrar-se. O eu-lírico recém-chegado aponta para o que chama de uma “incoerência infernal” no discurso da Sombra; ora, seria essa uma marca de otimismo perante ao abismo niilista que a Sombra apresenta?

Talvez, mas é possível também que o novo eu-lírico esteja apontando a própria vida – e a existência em geral – como incoerentes; mas, diferente da Sombra, existe aqui um abandono da eternidade em favor da finitude. A Sombra, que afirma ter vindo de outras eras e parece remontar a tempos imemoriais, deixa entender, no distanciamento que estabelece com a raça humana, que já existia antes do primeiro ser humano e continuaria a existir quando o último tivesse partido; já o novo eu-lírico pode ser facilmente considerado como um homem normal e, sendo assim, vítima da mesma mortalidade que marca tudo que vive. Esse aspecto finito fica ainda mais claro na estrofe final:

E o turbilhão de tais fonemas acres
Trovejando grandíloquos massacres,
Há-de ferir-me as auditivas portas,
até que minha efêmera cabeça
Reverta à quietação da treva espessa
E à palidez das fotosferas mortas!
(ANJOS, 1995, texto digital).

Há uma mudança considerável na forma de ver o tempo em cada eu-lírico; se a Sombra condenava o eterno, como uma forma de prolongar a dor indefinidamente, o segundo eu-lírico aponta a efemeridade como uma das causas de suas dores existenciais. Observa-se o segundo eu-lírico é dotado de uma visão que, embora não deixe de ser niilista, se opõe a muito ao que a Sombra representa, e, diferente dela, assume seu fim e admite que as questões por ela propostas continuariam a atormentá-lo até o fim de seus dias. Esse segundo eu-lírico também se mostra cercado pelo aspecto do “não saber”. Ele não é como a Sombra, não apresenta ter o mesmo conhecimento universal dela; isso, somado à consciência dos limites fatais de sua vida traz a ele uma perspectiva que se distingue do que fora proposto até então.

Este eu-lírico parece personificar os valores do homem moderno, partindo daquilo que é proposto por Agamben (2014), ou seja, o homem que já não se identifica com o meio que habita. Segundo o filósofo, o indivíduo contemporâneo já não consegue transformar nada de seu cotidiano em experiência, ele “volta para casa à noitinha extenuado por uma mixórdia



de eventos – divertidos ou maçantes, banais ou insólitos, agradáveis ou atrozes –, entretanto nenhum deles se tornou experiência.” (AGAMBEN, 2014, p. 22). Essa incapacidade de absorver experiência – a respeito da qual Walter Benjamin (1987) já dissertava ao propor que a primeira guerra mundial resulta no fim do narrador – se encontra exemplificada nesse eu-lírico; ele aparenta ter ouvido o monólogo apresentado pela Sombra, mas as palavras ouvidas não resultam em algum tipo de transformação ideológica ou espiritual. Ele permanece o mesmo. Erickson (2014) compartilha dessa visão, propondo que esses sinais no eu-lírico de Augusto dos Anjos são sintomas da modernidade, de uma dificuldade em se adequar às mudanças constantes e cada vez mais rápidas.

Faz-se necessário retomar o que Vivaldo (2013) afirmou sobre a busca pela compreensão do homem, dessa necessidade que a Sombra sente de desconstruir os métodos da humanidade, “autopsiando a amaríssima existência” (ANJOS, 1995, texto digital). Diferente da Sombra, o eu-lírico apresentado ao final do poema não é dotado de conhecimento que beira o absoluto. Somada a finitude de sua vida está a finitude de seu saber; conviver com essa limitação parece ser parte do niilismo que ele demonstra, mas também existe aceitação nesses versos. É como argumenta Agamben (2014, p. 165):

É possível, aliás, que seja realmente o modo como conseguimos ignorar que define a categoria daquilo que conseguimos conhecer e que a articulação de uma zona de não conhecimento seja a condição – e, ao mesmo tempo, a pedra de toque – de todo o nosso saber.

Pensando nisso, é possível constatar que o segundo eu-lírico não consegue lidar com o fato de não saber, não consegue aceitar as palavras da Sombra porque não consegue aceitar sua condição como eterna, a qual ele não pode atingir. Isso faz com que ele também tenha uma visão negativa de sua própria vida, embora seja de um grau diferente daquele visto na Sombra.

Podemos concluir, portanto que a Sombra, como primeiro eu-lírico a aparecer no poema, representa uma entidade afastada da humanidade, contemplando-a sem necessariamente sentir seus problemas e sofrimentos, embora deixe entrever, em certos momentos, o que parece ser simpatia. Importante relembrar que esse afastamento não se deve a um sentimento de superioridade; a Sombra se coloca no mesmo nível existencial dos seres humanos, na mesma miséria e desgraça, mas não vive entre eles, operando principalmente



como um observador e – em alguns momentos – origem de muitos dos problemas dos quais os homens são vítimas.

Já o segundo eu-lírico – que não recebe um nome no poema, embora utilize a primeira pessoa ao narrar, como se observa no verso “Há-de ferir-me as auditivas portas” (ANJOS, 1995, texto digital) - parece ser humano, vítima dos exercícios do tempo, e aparenta discordar das posições da Sombra, mas não deixa de sofrer com aquilo que ela propõe e que sabe ser verdade, principalmente no que concerne às limitações de sua vida. Ele concorda com o que a Sombra propõe ao afirmar que a vida não passa de um “suicídio graduado” (ANJOS, 1995, texto digital). Este eu-lírico parece sofrer das penúrias da modernidade, é, como Paz (2014) explica, um indivíduo incerto mergulhado numa realidade igualmente incerta.

4. Considerações finais

Monólogo de uma sombra pode ser lido como um estudo existencialista a respeito da condição humana, e que utiliza mais de um eu-lírico como uma forma de contemplar o ser humano primeiro por fora e depois por dentro – de um ponto de vista externo para um ponto de vista interno. Proporcionando assim uma análise dicotômica entre duas entidades cujas opiniões ora convergem (a podridão inerente à existência humana), ora divergem (os fatores que levam à redenção da vida, as limitações temporais da vida humana), em um discurso que vai de macro a micro. É como se o poema fosse o maior exemplo da justaposição de ciência-filosofia-poesia na obra de Augusto dos Anjos, culminando na absoluta negação da vida humana, ao mesmo tempo em que foge totalmente a essa regra. Isso é possibilitado pelo uso de mais de um eu-lírico, permitindo a eles dialogarem, mas também atacarem as concepções um do outro.

5. Referências

AGAMBEN, Giorgio. Elogio da profanação. In:_____. **Profanações**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2007.

_____. O último capítulo da história do mundo. In:_____. **Nudez**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2014.



_____. **Infância e História: Destruição da experiência e origem da história.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

ANJOS, Augusto dos. **Obra completa de Augusto dos Anjos.** Disponível em: <http://www.dlnotes2.ufsc.br/document/read/4816>. Acesso em: 16 de maio de 2017

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: Ensaio sobre literatura e história da cultura.** 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BENTO, Edilane Rodrigues. **Melancolia e poesia tecidas em flor e anjos: diálogo melancólico entre as poéticas de Augusto dos Anjos e Florbela espanca.** 2008, 126 f. Dissertação (Mestrado em letras) Universidade Estadual da Paraíba.

CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos.** 21ª ed., Rio de Janeiro: José Olímpio, 2007.

ERICKSON, Sandra Sasseti Fernandes. **Augusto dos Anjos: Moderno Sim Senhor!** Anais de Evento. III Colóquio Internacional de Estudos Linguísticos e Literários (CIELLI), Universidade Estadual de Maringá, Maringá – PR, 2014.

VIVALDO, Leonardo Vicente. **Uma poética sobre NADA? O nihilismo em Augusto dos Anjos.** 2013, 151 f. Dissertação (Mestrado em letras), Faculdade de Ciência e Letras, Universidade Estadual de São Paulo.

MORAIS, Ana Paula Araújo de; MACHADO, James Wilker Freire; FREIRE JÚNIOR, Orlando. **Angústia e pessimismo na poesia de Augusto dos Anjos.** Revista Discentis, Irecê – BA, 1ª Edição, p. 40 – 50, 2012.

PAZ, Octavio. **O arco e a lira.** São Paulo: Cosac Naify, 2ª ed., 2014.